

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

Quézia Tomaz Pereira Santana

**NOVOS RUMOS E NOVOS HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA**

ANÁPOLIS – GO
2009

QUÉZIA TOMAZ PEREIRA SANTANA

**NOVOS RUMOS E NOVOS HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA**

ANÁPOLIS - GO
2009

QUÉZIA TOMAZ PEREIRA SANTANA

**NOVOS RUMOS E NOVOS HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA**

Monografia apresentado ao curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de especialista, sob a orientação do Professor Ms. Edward Mantoanelli Luz.

ANÁPOLIS
2009

QUÉZIA TOMAZ PEREIRA SANTANA

**NOVOS RUMOS E NOVOS HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA**

Aprovada em: ____/____/____

1º MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA PROFa.

2º MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA PROFa.

BANCA EXAMINADORA

Edward Mantoanelli Luz.
Professor Mestre

DEDICATÓRIA

Aos meus dois filhos, Vinícius e Nicolás, pela paciência, ao meu querido e amado esposo, pela dedicação, paciência e incentivo, aos colegas de curso pelo apoio, incentivo e colaboração que sempre me deram nesta caminhada de tropeços e conquistas. Ao Ms. Edson de Souza Brito, pelo incentivo e orientação no início deste trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que é o autor e consumidor da vida, pela sabedoria e saúde que Ele tem me dado na realização deste trabalho. Por Ele ter permitido que eu concluísse mais uma etapa da minha carreira profissional. Agradeço Ms. Professor Edson de Souza Brito que contribuiu que desse início a monografia. E ao Professor Ms. Edward Mantoanelli Luz, pela a continuação da orientação.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é aprofundar os conhecimentos acerca da alfabetização de Jovens Adultos, uma vez que, por diversos motivos estes se encontram excluídos do processo normal de escolarização e são portadores de distúrbios de aprendizagem. A escola regular ao oferecer o ensino fundamental volta seu "eixo" de trabalho à criança, esquecendo-se que o "adulto" não teve acesso à escola na idade certa, se encontra à margem do conhecimento e do saber, necessitando de apóio pedagógico e psicopedagógico. Atualmente, a inclusão dos jovens e adultos nos projetos de alfabetização tem nascido basicamente da exigência do mercado de trabalho, onde o ensino fundamental não significa somente acesso ao mesmo, mas principalmente permanência, para isto é indispensável que os diversos setores da sociedade busquem inserir e possibilitar a permanência na escola, para que os cidadãos possam participar ativamente da sociedade, da vida cidadã, cultural e política do seu país. Nos dias atuais o indivíduo que não conhece morre para a vida, e se não existe o conhecimento não há lugar para a sexualidade humana, para o trabalho, para a procriação de filhos, de novos seres humanos que, reproduzindo os velhos, continuam a história.

Palavras-chaves: Psicopedagogia, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The objective of this research is to deepen the knowledge concerning the literacy of Young Adult, a time that, for diverse reasons these if find excluded of the normal education process and is carrying of learning riots. The regular school when offering basic education return its ' ' axis ' of work to the child, forgetting itself that ' adult it don't have access to the school in the age certain, if it finds to the edge of the knowledge and knowing, needing pedagogical and psicopedagógico support. Currently, the inclusion of the young and adults in the literate projects has been born basically of the requirement of the work market, where basic education does not only mean access the same, but mainly permanence, for that is indispensable that the diverse sectors of the society search to insert and to make possible the permanence in the school, so that the citizens can participate actively of the society, of the life citizen, cultural and politics of its country. In the current days the individual that does not know dies for the life, and if the knowledge does not exist does not have place for the sexuality human being, the work, the procreation of children, new human beings that, reproducing the old ones, continue history.

Word-keys: Psicopedagogia, Young Education of Adult.

RESUMEM

El objetivo de esta investigación es profundizar los conocimientos sobre la alfabetización de jóvenes y adultos, desde por diversas razones son totalmente excluidos del proceso normal de la escolarización y son titulares de trastorno de aprendizaje. La escuela regular no ofrece a vuelta básica de la educación, su árbol del trabajo el niño, olvidándose que el adulto no tenía acceso a la escuela en la cierta edad, si hallazgos al borde del conocimiento y sabiéndolo, necesitando de la ayuda pedagógica y del psicopedagógico. Actualmente, han llevado la inclusión de los jóvenes y los adultos, en los proyectos de alfabetización básicamente del requisito del mercado del trabajo, donde la educación básica no solo significa el acceso igual, pero principalmente de la permanencia, porque ésta es imprescindible que los sectores diversos de la sociedad busquen la permanencia en la escuela, de modo que los ciudadanos puedan participar activamente de la sociedad, de la vida cultural y política de su país. En los días actuales el individuo que no sabe los datos muere para la vida, y si no existe el conocimiento no tiene lugar para la sexualidad humana, el trabajo, la creación de los niños, de los seres humanos nuevos que reproduciendo los viejos, continúan la historia.

Llaves de las palabras : Psicopedagogía educación joven y de los adultos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I - O QUE É PSICOPEDAGOGIA.....	13
1.1 - Fundamentos da Psicopedagogia	13
1.2 - Tratamento Psicopedagógico	16
1.3 - A importância da psicopedagogia no processo de aprendizagem.....	18
1.4 - Fundamentos da prática: diferentes abordagens, estilos do ensinar e do aprender.....	20
1.5 – A profissionalização	22
II - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	24
2.1 – História do EJA (Educação de Jovens e Adultos).....	24
2.2 – Novos rumos, novos horizontes e definição da EJA	26
2.3 – Dificuldade de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos	28
2.4 – A motivação e a capacidade de aprender do adulto	31
III - A PSICOPEDAGOGIA E O EJA	35
3.1 - Importância da aprendizagem do EJA e o papel do psicopedagogo.....	35
3.2 – Fundamentos psicológicos na Educação de Jovens e Adultos	38
3.3 – Relação da psicopedagogia e o EJA (Educação de Jovens e Adultos).....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Atualmente o próprio meio em que o brasileiro vive não incentiva a educação. Seja pelas dificuldades de sobrevivência, que enviam um contingente cada vez maior de jovens ao subemprego em detrimento da educação, ou pelo imediatismo em obter resultados e que infelizmente, só podem ser obtidos a longo prazo, através de carreiras sólidas e estruturadas, a idéia que se passa aos jovens, é que a educação não faz diferença para o sucesso de um indivíduo, ou seja, que a chamada “escola da vida” é o que realmente funciona.

E não são incomuns “exemplos de sucesso” que se aliam a preguiça em aprender formalmente, comum na juventude e ao idoso, empregado assalariado, ao descaso da sociedade em geral em relação à educação, para tratar algo que é fundamental e inerente ao ser humano – o aprendizado – como algo supérfluo, aborrecido, que “não terá uso prático” na vida das pessoas.

Porém, fica à mercê de alguns políticos e empresários desonestos, que utilizam a ignorância das massas em proveito próprio. O papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de reversão desse quadro negativo, felizmente, pode e vem sendo revertido aos poucos. Será que esse quadro pode melhorar? É nesse ponto que se enquadra a psicopedagogia, mas, quais são as contribuições mais relevantes? Qual a capacidade do jovem e adulto de aprender?

A relevância desta pesquisa encontra-se no seu objeto de pesquisa. Pode-se entender melhor que a **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** é um sistema de ensino utilizado na rede pública no Brasil. Em síntese, tem o propósito de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade para aqueles que não estão mais em idade escolar e tem o desejo de aprender.

Durante muito tempo os profissionais da Educação de Jovens e Adultos eram em grande parte leigos, considerados analfabetos sua principal tarefa era a de ensinar a decifração do código escrito e, portanto, o papel da escola se restringia a esse aspecto. Por volta dos anos 60, a percepção do aluno jovem e

adulto como sujeito de sua aprendizagem, problematizando a realidade na qual se inseria, deu origem a uma proposta de alfabetização conscientizadora.

O contexto político pós-64 refreou essas iniciativas, retomando o assistencialismo e as práticas mecanicistas. Mas grupos dedicados à educação popular deram continuidade a experiências críticas no âmbito de Educação de Jovens e Adultos. Sabe-se que o desafio dos profissionais que atuam nessa área está relacionado a oportunizar a esses alunos o acesso à cultura letrada que lhes possibilite participar ativamente da esfera política, cultural e do trabalho. Isso implica necessariamente a revisão do papel da escola, do professor, nas novas concepções de ensino e aprendizagem, dos conteúdos a serem abordados nesses processos

A EJA, dotada de qualidade que a torne efetiva, transforma-se numa política social que ameaça o status das elites privilegiadas, com possibilidade de produzir “desobediência civil” ao não aceitar os limites impostos pela sociedade de classes. Porém, a educação de jovens e adultos, visando a transformação necessária, tem como objetivo cumprir de maneira satisfatória sua função de preparar jovens e adultos para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho.

Desse modo, afirmar e defender através de referenciais teóricos consistentes, o valor e a singularidade da gestão de aprendizagem em EJA, faz-se importante para todos os que atuam nesta modalidade da educação. O nível de importância da psicopedagogia para EJA.

A psicopedagogia nas organizações de aprendizagem em Educação de Jovens e Adultos(EJA), é a área de conhecimento que busca se ocupar dos problemas de aprendizagem e sua atuação pode ser preventiva ou terapêutica. Partiu-se do pressuposto que a compreensão e o conhecimento da psicologia do adulto associados com a competência técnica didática resultam no processo ensino-aprendizagem singular.

O psicopedagogo está no processo de desenvolvimento em que não apenas se considere a existência de imposições e limites humanos, mas que também exista um sistema de possibilidades, interações e construções. Cada

indivíduo possui necessidade específica devido as características individuais e particulares de seu histórico e dos aspectos específicos relacionados à aprendizagem e ao seu desenvolvimento pessoal. A esse profissional, cabe fazer as opções interventivas que se adaptem melhor às necessidades do paciente.

O psicopedagogo, por sua vez, tem a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola e atender aos seus anseios, bem como verificar, junto ao projeto político-pedagógico, como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem, é importante garantir o sucesso dos alunos e como a família exerce o seu papel de parceira nesse processo. É uma via de mão dupla.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a importância da psicopedagogia nas organizações de aprendizagem a EJA¹. Fazer uma relação, sobre quais os meios que pode beneficiar na alfabetização dos analfabetos. Os objetivos específicos foram compreender e caracterizar o que vem a ser a Psicopedagogia, verificar através de estudos teóricos a capacidade de aprendizado do jovem e adulto, com autonomia intelectual e mental. Analisar a dificuldade de aprendizagem e a sua importância. Esse aprendizado é válido somente para o mercado de trabalho, para auxiliar na sua auto-estima e para o seu crescimento pessoal.

A metodologia utilizada na elaboração dessa monografia foi à compilação de dados bibliográficos, consistindo na exposição do pensamento de vários autores que escreveram sobre o tema. Foi desenvolvida pesquisa bibliográfica, tendo como apoio e base contribuições de diversos autores sobre o assunto em questão, por meio de consulta a livros periódicos. Assim como em artigos publicados na Internet.

¹ EJA – Educação de Jovens e Adultos

CAPÍTULO I

O QUE É PSICOPEDAGOGIA

1.1 - Fundamentos da Psicopedagogia

A Psicopedagogia como ciência procura estudar, explicar, diagnosticar e tratar os problemas da não aprendizagem. Surge nos meados do século XIX, na Europa, especialmente na França quando neurologistas, psiquiatras e educadores começaram a estudar e trabalhar temas pertinentes a problemas relacionados a conduta ao comportamento, no que se referia ao desenvolvimento cognitivo, afetivos, emocional orgânico e motor. Nesta época, houve tentativa de articulação entre a Medicina, Psicologia, Psicanálise e a Pedagogia, objetivando a solução para os problemas do fracasso escolar. (BOSSA, 1991).

A partir desse momento surge a necessidade de melhorar o conhecimento no processo de aprendizagem humana e solucionar as dificuldades. Alguns anos atrás a falta de clareza a respeito dos problemas de aprendizagem, fazia com que os alunos com dificuldade fossem encaminhados para profissionais de diversas áreas de atuação, sem resolução eficiente dos problemas. Bossa afirma que a psicopedagogia evolui com aprendizagem,

a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia – e evolui devido a existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo-se, assim, em uma prática. (BOSSA 1991, p.24),

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo, portanto um caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características evitando assim cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade.

Desta forma, a Psicopedagogia se torna um campo com conhecimentos amplos, onde se tem como objetivo central de estudo o processo de aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos², bem como a influência do meio social, família, escola e sociedade. As dificuldades escolares não podem ser explicadas apenas por um fator, esteja ele na criança, no adulto, no meio familiar ou escolar.

Para Pain (1987), o processo de aprendizagem surge através do momento histórico, o organismo, a etapa genética da inteligência e indivíduos associados a tantas outras estruturas teóricas, cuja engrenagem se ocupa e preocupa o conhecimento, principalmente ao materialismo histórico. De acordo com Neves.

a Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos³. (NEVES, 1991, p. 12)

Antes o trabalho psicopedagógico visava somente a reeducação, o processo de aprendizagem, suas dificuldades e seu trabalho consistia empenhar em vencer tais obstáculos. O objeto de estudo era o indivíduo que não podia aprender, concebendo-se a “não-aprendizagem” pelo enfoque que salientava a falta. Esse enfoque buscava estabelecer as semelhanças entre vários grupos de pessoas, as regularidades, o esperado para determinada idade, visando reduzir as diferenças e acentuar a uniformidade. (BOSSA, 1991).

A importância da psicopedagogia se vê em suas possibilidades na educação atual brasileira, prova disso Weiss (2001), diz que para quem a Psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores.

² Pain, (1987) analisa a profundidade do processo de aprendizagem na construção da função do eu.

³ De acordo com Neves, ela se refere a psicopedagogia como a “articulação entre a psicopedagogia e a psicologia.

O objeto de estudo da psicopedagogia sugere um consenso quanto ao fato de que ela deve ocupar-se em estudar a aprendizagem humana, porém é utopia pensar que tal concordância direciona a um único caminho. O tema de aprendizagem proporciona a dimensão complexa que tem a grandeza da própria natureza humana. É importante, no entanto, ressaltar que a percepção da aprendizagem resulta na visão humana e é a razão desta que acontece a prática psicopedagógica.

Observando o objeto de estudo, perceber-se a sua extensão e o quanto o psicopedagogo em formação tem que investir no conhecimento para o desenvolvimento de sua identidade, é necessário estar sempre em busca do saber e do conhecimento, aprimorando cada vez mais através de suas experiências.

Marina Müller, ao refletir-se sobre o objeto de estudo específico da psicopedagogia, afirma que, as dificuldades podem interferirem no meio,

como se incrementam os conhecimentos, ou entram em contradição e são substituídos; que leis regem estes processos; que influências afetivas e representações inconscientes ou acompanham; que dificuldades interferem ou impendem; de que maneira é possível favorecer as aprendizagens ou tratar suas alterações. (MÜLLER 1984, p.7 e 8)

É papel da pedagogia refletir e pesquisar: o que ensinar, instruir e aprender; como se desenvolvem estas atividades; sucedem subjetivamente as normas e artifícios educativos; as improváveis estruturas que interferem no aparecimento de transtornos de aprendizagem, fracasso escolar e dificuldade de aprendizagem; sugestões de mudanças aparecem. Essa investigação que todos os psicopedagogos precisariam desenvolver na atividade profissional.

Portanto, enquanto psicopedagogo num processo de desenvolvimento em que não apenas se considere a existência de imposições e limites, mas que também exista um sistema de possibilidades, interações e construções. Cada indivíduo possui necessidades específicas devido as características individuais e particulares de seu histórico e dos aspectos específicos relacionados a aprendizagem. A esse profissional, cabe fazer as opções interventivas que se adaptem melhor às necessidades do paciente.

1.2 - Tratamento Psicopedagógico

É fundamental ter em conta que a pessoa só aprende porque trabalha intelectualmente através de processos que envolvem conflitos⁴, reflexões, retrocessos, em um conseqüente progresso. O problema de aprendizagem está vinculado às formas singulares de cada pessoa pensar. Não é considerado como um desvio, mas como sintoma ou reação ao ambiente, um sinal de que algo – inconscientemente - não está bem, é possível refletir o que se passa com o ser humano diante de seus anseios e dificuldades enfrentados a cada dia.

Para obter descrição sintomática do problema, é importante receber a queixa que traz a família sobre o paciente e desenvolver a descrição sobre o que querem dizer. Perceber o que está no seu inconsciente, é papel do psicopedagogo ajudá-lo desde que o sujeito faça o pedido. Fernández diz o seguinte,

a consigna se modificará de acordo com a solução, porém sempre tendendo a transmitir ao paciente designado, nosso interesse em escutar sua versão da problemática, a possibilidade que tem de expressar que coisas preocupam e desagradam. É papel do psicopedagogo ajudá-lo desde que o sujeito faça o pedido. (FERNÁNDEZ 1991, p.151),

A forma mais abrangente de tratar o problema de aprendizagem significa levar em conta o caráter desejante do sujeito, ou seja, aquilo que está no inconsciente. É a partir dos sintomas que o psicopedagogo vai pensar as formas e possibilidades de tratamento. O enquadre se refere ao estabelecimento do marco fundante da ação terapêutica, englobando elementos como tempo, lugar freqüência, duração, material de trabalho e estabelecimento das atividades. (BOSSA, 1991).

O enquadramento psicopedagógico se destaca através de alguns aspectos fundamentais para o tratamento. Primeiro é sintomático, centrado na urgência do paciente. Aquilo que ele trás para a consulta. É necessário desenvolver a dimensão do seu poder, bem como, escrever, poder saber e fazer, para desenvolver as potencialidades do seu ego. O segundo ponto é situacional,

⁴ Para maiores informações, Leão em seu artigo diz que o tratamento psicopedagógico é visto como uma caixa preta pra resolver seus conflitos, ou seja é uma arte.

é baseado naquilo que ocorre na sessão e finalmente é operativo, ocorre em torno da tarefa precisa e concreta. (PAIN, 1986).

A modalidade de tratamento tem como objetivo, solucionar os problemas de aprendizagem, motivo do encaminhamento. Porém, em um determinado momento do tratamento é dedicado a eliminar o sintoma. Como por exemplo: um indivíduo não sabe escrever, haverá certo momento em que a escrita será justamente a tarefa primordial. A decisão sobre o melhor momento para se trabalhar com o sintoma, depende dos dados observados no diagnóstico. Pode-se ressaltar que o tratamento psicopedagógico inicia na primeira entrevista diagnóstica, embora em geral o psicopedagogo operacionalize o trabalho em duas etapas, diagnóstico e tratamento. Sara Pain diz o seguinte:

o tratamento começa com a primeira entrevista diagnóstica, já que o enfrentamento do paciente com sua própria realidade, realidade esta que provavelmente nunca precisou se organizar em forma de discurso, o obriga a uma série de aproximações, avanços e retrocessos mobilizadores de um conjunto de sentimentos contraditórios. Os poucos assinalamentos realizados pelo psicólogo para orientar o motivo da consulta e a história vital, bem como as perguntas destinadas a confirmar ou descartar hipóteses plausíveis, chegam a ser para o paciente descobertas deslumbrantes e desencadeadoras de uma série de lembranças e de esquecimento injustificáveis. (PAIN,1986, p. 72)

O sujeito pode ver-se em um cenário, ou nos gestos, virtudes, defeitos, etc., O momento mais importante da aprendizagem acontece na entrevista dedicada à devolução do diagnóstico. A tarefa psicopedagógica tem como objetivo levar o indivíduo a ter consciência da situação e providenciar sua transformação. Até não ficar estabelecida a função do não - aprender, a ideologia que faz sentido, e os fatores intervenientes que a possibilitam ao menos a nível explícito, não será possível realizar o contrato de tratamento.

Os objetivos básicos de tratamento psicopedagógico é conseguir que a aprendizagem seja realização para o sujeito, ser independente por parte do sujeito e finalmente o indivíduo deve propiciar correta autovalorização. Para Pain,

garantir o êxito no tratamento é necessário dar-se tempo suficiente para que todo o conhecimento se assegure completamente como propriedade do paciente esgotando-se em todas suas aplicações e incluindo-se novas aquisições. O único conhecimento válido é o que foi processado pelo sujeito. (PAIN 1986, p. 81)

Existem algumas técnicas⁵ necessárias para o tratamento tais como: a) organização da tarefa; b) graduação, levando em conta sua estrutura mental, estratégias, seus conhecimentos prévios, o ambiente cultural, os interesses pessoais; c) auto-avaliação, o sujeito poderá avaliar seu rendimento e no final de cada sessão fazer um balanço daquilo que havia aprendido; d) historicidade, a vida do paciente transcorre no cenário peculiar através da pequena história chamada tratamento. Quando o problema é a dificuldade de aprendizagem é importante resgatar a construção da memória, reter e integrar todos os acontecimentos, fazendo alusões aquilo que o paciente aprendeu e suas circunstâncias; e) informação, é necessário dar ao sujeito informações necessárias para aplicar as estruturas cognitivas; f) indicação, é a interpretação e assinalamento, pode ser usada simultaneamente de acordo com o aparecimento de índices, sinais, ou signos do problema.

1.3 - A importância da psicopedagogia no processo de aprendizagem

É importante que o psicopedagogo observe o sentido particular que assumem as dificuldades de aprendizagem do indivíduo, pesquise as condições na produção do conteúdo escolar, identificando obstáculos e elementos facilitadores, em abordagem preventiva e analítica. O trabalho psicopedagógico requer investigação e intervenção. (BOSSA, 1991).

A psicopedagogia como caráter preventivo, está implícita na atitude de considerar o paciente como o sujeito de aprendizagem, de forma a adequar conteúdos e métodos, respeitando as características de cada indivíduo. Como por exemplo: antes de alfabetizar alguns alunos é necessário conhecer quais são as suas dificuldades, habilidades, de forma a escolher os meios e os fins que melhor os atendam. Dessa forma é importante prevenir alguns obstáculos que poderiam surgir no decorrer do atendimento. Por fim podem-se observar as diferenças existentes em cada indivíduo através do olhar e a escuta psicopedagógica.

⁵ No site da psicopedagogia do Brasil Simaia Sampaio passa algumas técnicas para o tratamento tais como: olhar os cadernos com os possíveis erros. trabalhar com jogos, etc.

O olhar e a escuta⁶ psicopedagógica acontece no primeiro momento do contato com o paciente. O escutar não é ficar em silêncio, nem o olhar ter olhos abertos, mas sim, o escutar é: aceitar, receber, abrir-se, permitir. O olhar é: seguir, procurar, incluir-se, interessar-se, acompanhar. O olhar e a escuta do terapeuta vai permitir ao paciente falar e ser reconhecido, cabe ao psicopedagogo buscar idéias inconscientes sobre o aprender, relacionando-as com a operação particular que afeta a dificuldade de aprendizagem.

O saber psicopedagógico se obtém a partir de duas vertentes: da experiência vivenciada pelo aprendente e através do tratamento psicopedagógico didático. Fernandez diz o seguinte:

Um espaço importante de gestação do saber psicopedagógico é o trabalho de auto-análise das próprias dificuldades e possibilidades no aprender, pois a formação do psicopedagogo, assim como requer transmissão de conhecimentos e teorias, também requer um espaço para a construção de um olhar e uma escuta psicopedagógicos a partir de uma análise de seu próprio aprender. (FERNANDEZ 1991, p. 130)

O psicopedagogo, por sua vez, tem a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola e atender aos seus anseios, bem como verificar, junto ao projeto político-pedagógico, como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem, é importante garantir o sucesso dos alunos e como a família exerce o seu papel de parceira nesse processo. É uma via de mão dupla.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do Psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas. Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino.

O conjunto de tarefas realizadas pelos profissionais que prestam assessoramento psicopedagógico às escolas, pode ser organizado em torno de

⁶ Fernandez (1991), em seu livro no capítulo “olhar e escuta Psicopedagógica”, ela descreve como ler a produção do paciente, qual a atitude clínica, como interpretar a operação que forma o sintoma.

quatro eixos. O primeiro relativo à natureza dos objetivos da intervenção, cujos pólos caracterizam respectivamente as tarefas que se centram, prioritariamente no sujeito e aquelas que têm como finalidade incidir no contexto educacional. Essas tarefas tem como objetivo prioritário o atendimento ao aluno.⁷

O segundo eixo afeta as modalidades de intervenção, que podem ser consideradas como corretivas, ou preventivas e enriquecedoras. Outro eixo diferencia esses modelos, embora tenha como objetivo final o aluno, pode ter diferenças consideráveis: alguns psicopedagogos trabalham diretamente com o aluno, orientam-no e inclusive, manejam tratamentos educacionais individualizados, outros combinam momentos de intervenção direta com intervenções indiretas.

O último eixo indica o lugar preferencial de intervenção, entende-se como a diversidade de níveis e contextos, inclusive quando circunscrita ao marco educacional escolar. Este eixo inclui tanto as tarefas localizadas no nível de sala de aula, em algum subsistema dentro da escola, na instituição em seu conjunto, ano, série, assim como aquelas que se dirigem ao sistema familiar.

1.4 - Fundamentos da prática: diferentes abordagens, estilos do ensinar e do aprender.

Por se tratar da atividade relacionada às dificuldades escolares, pensam que o psicopedagogo deva trabalhar na escola, lugar onde são produzidos a maioria dos problemas escolares, mas são vários os campos de atuação psicopedagógica; como clínica, escola, instituição, saúde ou mesmo em empresas.

A atuação do psicopedagogo não se refere apenas ao espaço físico onde ele vai atuar, mas também ao modo de pensar a Psicopedagogia e ao conhecimento que ele tem da área, ou seja, sua atitude psicopedagógica. A Psicopedagogia Educacional tem como objetivo, fazer com que os professores, diretores e coordenadores educacionais repensem o papel da escola frente as dificuldades de aprendizagem da criança e dos jovens e adultos.

⁷ De acordo com Coll, 1989 (apud Ferreira, URL: <http://psicolucia.blogspot.com>),

Por outro lado, mesmo que a escola passe a se preocupar com os problemas de aprendizagem, nunca conseguiria abarcá-los na sua totalidade, algumas crianças com problemas escolares apresentam um padrão de comportamento mais comprometido e necessitam de um atendimento psicopedagógico mais especializado em clínicas. Sendo assim, surge a necessidade de diferentes modalidades de atuação psicopedagógica; a preventiva com o objetivo de atenuar ou evitar os problemas de aprendizagem dentro da escola e a clínico-terapêutica, onde seriam encaminhadas apenas as crianças com maiores comprometimentos, que não pudessem ser resolvidos na escola. (FERREIRA, a importância da psicopedagogia).

Psicopedagogia Preventiva ou Escolar oferece conhecimentos para o profissional estar atuando dentro da instituição escolar na prevenção ou atenuação dos problemas de aprendizagem, fazendo com que menos crianças sejam encaminhadas para as clínicas e que suas dificuldades sejam atendidas na escola.

Segundo Bossa (2001), o psicopedagogo pode colaborar na elaboração do projeto pedagógico, ou seja, através de seus conhecimentos ajudar a escola a responder questões fundamentais como: O que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar? Pode realizar o diagnóstico institucional para detectar problemas pedagógicos que estejam prejudicando a qualidade do processo ensino-aprendizagem; auxiliar o professor a perceber a sua maneira de ensinar não é apropriada à forma do aluno aprender; orientar professores no acompanhamento do aluno com dificuldades de aprendizagem; realizar encaminhamentos para fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas, psiquiatras infantis, entre outros.

A Psicopedagogia é profissão que atende às necessidades do século XXI. Aprender a Aprender é a premissa deste século, a condição para viver dentro de um mundo de rápidas mudanças, resultantes do advento da transformação da tecnologia e informática, onde é necessário que a capacidade de transformação das pessoas e conseqüente possibilidade de aprendizagem seja intensamente cuidada. Ela pertence à Educação, Saúde e as instituições em geral. É procurada prioritariamente por educadores que querem mostrar às crianças, jovens e adultos, a

sua possibilidade de aprendizagem. Surgiu da demanda específica da sociedade: o fracasso escolar, a falha na aprendizagem, o insucesso do ensino.

No entendimento atual a Psicopedagogia não é disciplina híbrida, não surgiu em laboratório, não é um produto da pedagogia e da psicologia, não se restringe a estas duas áreas. É sim, um espaço transdisciplinar, pois se constitui a partir da nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem e, dentro desta perspectiva, das suas deficiências.

1.5 – A profissionalização

A grande expansão dos cursos de formação e especialização em Psicopedagogia é sinal do reconhecimento deste profissional. Desde a década de 70 esta formação vem ocorrendo em caráter regular e oficial, em instituições universitárias. Esta formação foi regulamentada pelo MEC em cursos de pós-graduação e especialização, com carga horária de 360 horas. Portanto, a importância da legalização do Psicopedagogo como profissão é fundamental, para fortalecer e dinamizar as áreas de saúde e educação em nosso país; colocar a favor do desenvolvimento de nosso país na forma de efetivos contribuidores. (Regulamentação⁸, Lei nº 3.124-A/97).

A Revista Psicopedagógica, cita o código de ética da ABPp – capítulo II – das responsabilidades dos psicopedagogos. Artigo 6º:

- a) Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos que tratam do fenômeno da aprendizagem humana.
- b) Zelar pelo bom relacionamento com especialistas de outras áreas, mantendo uma atitude crítica, de abertura e respeito em relação às diferentes visões de mundo.
- c) Assumir somente as responsabilidades para as quais esteja preparado dentro dos limites da competência psicopedagógica.
- d) Colaborar com o progresso da psicopedagogia.
- e) Difundir seus conhecimentos e prestar serviços nas agremiações de classes sempre que possível.
- f) Responsabilizar-se pelas avaliações feitas, fornecendo ao cliente uma definição clara do seu diagnóstico.

⁸ O Projeto de Lei no 3.124/97 do Deputado Barbosa Neto, *regulamenta a profissão do Psicopedagogo e cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicopedagogia.*

- g) Preservar a identidade, parecer e/ ou diagnóstico do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de caso.
- h) Responsabilizar-se por crítica feita a colegas na ausência destes.
- i) Manter atitude de colaboração e solidariedade com colegas sem ser conivente ou acumpliciar-se, de qualquer forma, com o ato ilícito ou calúnia. O respeito e a dignidade na relação profissional são deveres fundamentais do psicopedagogo para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público. (apud BOSSA, 1991, p.95,96)

A forma de atuar irá depender de cada profissional, como por exemplo, a postura teórica adotada, ou seja, cada caso é um caso, com suas variantes e nuances é isso que diferenciam o sujeito, seu histórico de vida e distúrbio. Independente da abordagem de cada psicopedagogo, existem certos princípios éticos que devem fazer presentes na atuação de cada indivíduo. Assumindo a tarefa com responsabilidade, respeito, honestidade e compromisso diante de cada ser humano.

O ponto fundamental para o psicopedagogo é promover a aprendizagem, relacionados com a dificuldade, garantindo o bem-estar dos indivíduos, obtendo os recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional, preocupando não somente com o analfabeto, mas com toda a equipe que encontram obstáculos durante a carreira. É importante que o profissional mantenha-se atualizado.

O psicopedagogo pode trabalhar também por causa própria, como por exemplo, lutar pela classe, para a regulamentação da profissão. Tem sido motivo de várias discussões, com certeza o objetivo é auxiliar os estudantes na dificuldade que eles irão encontrar em diversas áreas na educação, tanto alunos como profissionais.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 – História do EJA (Educação de Jovens e Adultos)

A educação de adultos começou no Brasil a partir da década de 30, quando finalmente começa a consolidar um sistema público de educação elementar. Neste período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos.

A oferta do ensino básico gratuito estendia-se consideravelmente através de setores sociais diversos. A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes educacionais para todo o país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios. Tal movimento incluiu também esforços articulados nacionalmente de extensão do ensino aos adultos, especialmente nos anos 40.

Com o fim da ditadura de Vargas em 1945, o país vivia a efervescência política da redemocratização. A Segunda Guerra Mundial recém terminada e a ONU⁹ alertava para a urgência de integrar os povos visando a paz, harmonia e a democracia. Tudo isso contribuiu para que a educação dos jovens e adultos ganhasse destaque dentro da preocupação geral com a educação elementar comum. (ALBUQUERQUE, 2005).

A Lei orgânica do Ensino Primário, de 1946, já prevê o ensino supletivo, mas é em 1947 que o governo brasileiro lança, pela primeira vez, a campanha de âmbito nacional visando alfabetizar a população. Nesse período, a educação de adultos define sua identidade tomando a forma da campanha nacional lançada em 1947. Pretendia-se, na primeira etapa, ação extensiva que previa a alfabetização em três

⁹ ONU - Organização das Nações Unidas

meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses e posteriormente o aluno poderia fazer cursos profissionalizantes.¹⁰

No final da década de 50, as críticas à Campanha de Educação de Adultos dirigiam-se tanto às suas deficiências administrativas e financeiras quanto à orientação pedagógica. Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país. As críticas convergiram para o problema do analfabetismo e a consolidação de um novo paradigma pedagógico, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire¹¹.

De acordo com Albuquerque, ele faz referência sobre a história da EJA, tendo como principal organizador o educador Paulo Freire,

no final dos anos 1950, críticas á campanha foram realizadas pelos próprios participantes nela engajados. As mais contundentes partiram do grupo de Pernambuco, liderado por Paulo Freire que, no II Congresso Nacional da Educação de Adultos, realizado em 1958, indicava que a organização dos cursos deveria ter por base a própria realidade dos alunos e que o trabalho educativo deveria ser feito “com” o homem e não “para” o homem. Por consequência, os materiais a serem usados pelos alunos não poderiam ser uma simples adaptação daqueles que já eram utilizados com as crianças. (GALVÃO E SOARES, 1995, p. 43).

Porém o adulto não-alfabetizado, não poderia mais ser visto com ignorante e imaturo, mas como produtor de cultura e saberes. Um dos pressupostos baseados na proposta de alfabetização era que a leitura do mundo precedia a da palavra. No entanto, afirmava que o problema não era o único e nem o mais grave da população, mas sim, as condições de miséria em que encontravam.

O paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional. Antes apontado como causa da pobreza e marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da situação de miséria gerada pela estrutura social não igualitária. A alfabetização e a educação de base de adultos deveriam partir sempre de um exame

¹⁰ De acordo com Albuquerque; Soares (1995 p. 41),

¹¹ A história da EJA no Brasil está ligada a Paulo Freire. O Sistema foi desenvolvido na década de 60, teve sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte.

crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los¹².

2.2 – Novos rumos, novos horizontes e definição da EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade específica da Educação Básica e complementar que se propõe a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência seja pela oferta irregular de vagas, trabalhos infantis, inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis.

O conceito de EJA muitas vezes confunde-se com o de Ensino Noturno. Trata-se da associação equivocada, a EJA não se define pelo turno em que é oferecida, mas pelas características e especificidades dos sujeitos aos quais ela se destina. Várias iniciativas de educação de adultos em escolas ou outros espaços têm demonstrado a necessidade de ofertar essa modalidade para além do noturno de forma a permitir a inclusão daqueles que só podem estudar durante o dia. (Artigo, Educação Continuada).

A EJA como modalidade educativa inscrita no campo do direito, supera o entendimento compensatório cujas principais fundamentos estão na recuperação da escolaridade perdida no passado e a idéia de que o tempo apropriado para o aprendizado é a infância e a adolescência. Nesta perspectiva, é preciso buscar a concepção mais ampla das dimensões tempo/espço de aprendizagem, na qual educadores e educandos estabeleçam a relação mais dinâmica com o entorno social e com as suas questões, considerando que a juventude e a vida adulta são também tempos da busca de conhecimento.

De acordo Oliveira, (apud Revista Psicopedagógica.)

o adulto, para a EJA, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo... E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território

¹² Artigo: Educação Continuada.

da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psicológica da vida. (OLIVEIRA, 1999 p. 1).

Os analfabetos são aqueles que nunca foram à escola, alguns porque não tinham por perto, outros tiveram que se afastar quando crianças em função da entrada precoce no mercado de trabalho. Sujeitos sociais e culturais, marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo a participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Ele é visto como ignorante, incapaz, cego, imbecil, dependente, assemelha-se a criança que precisa de ajuda. O não alfabetizado possui a baixa auto-estima apesar de viverem dignamente como sujeitos de necessidades.

Eles vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Trazem a marca da exclusão social, mas são sujeitos do tempo presente e futuro, formados pelas memórias que os constituem enquanto seres temporais. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar.¹³

O indivíduo é produtor do saber e cultura, mesmo não sabendo a ler e escrever, ele está inserido na sociedade. Porém a alfabetização torna-se mais significativo, O adulto não é um mero portador de “conhecimentos prévios”, que precisariam ser resgatados pelo alfabetizador para ensinar aquilo que quer, mas um sujeito que já construiu a história de vida, a identidade e cotidianamente produz cultura.¹⁴

Os analfabetos são seres humanos, moradores urbanos de periferias, favelas e vilas, trabalhadores, empregados e desempregados, em busca do primeiro emprego; muitos até já constituíram famílias. Jovens e adultos que quando retornam à escola o fazem guiados pelo desejo de melhorar de vida, de aprender a ler ou por exigências ligadas ao mundo do trabalho e as exigências do mercado estão cada

¹³ ARTIGO, inclusão social, de PRESTES, Emilia Maria da Trindade.

¹⁴ De acordo com o artigo de Albuquerque; Soares (1995 p. 51).

vez mais comuns. São sujeitos de direitos, operários que participam concretamente da garantia de sobrevivência do grupo familiar ao qual pertencem.

2.3 – Dificuldade de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos

O adulto analfabeto é considerado como a criança que parou de desenvolver culturalmente. Por isso procura aplicar-lhes os mesmos métodos de ensino e utilizam as mesmas cartilhas que servem para a infância, supõe que a alfabetização consiste na retomada do crescimento de um ser humano que estacionou na fase infantil, porém é considerado atrasado. Pinto, afirma que além de existir a falsa e ingênua, esse pensamento é inadequado por:

- deixa de encarar como um sabedor;
- ignora de encarar o desenvolvimento fundamental do homem é de natureza social, faz-se pelo trabalho, e que o desenvolvimento não pára pelo fato de o indivíduo permanecer analfabeto.
- ignora o processo de evolução de suas faculdades cerebrais.
- não reconhece o adulto iletrado como membro atuante e pensante de sua comunidade, na qual de nenhuma maneira é julgado um “atrasado” e onde, ao contrário, pode até desenvolver uma personalidade de vanguarda. (PINTO, 1987, p. 87 e 88),

Essa concepção conduz aos mais graves erros pedagógicos pela aplicação ao adulto através do processo de ensino inadequado e pela recusa em aceitar os métodos de educação integradores do homem em sua comunidade, aqueles que lhe fazem compreender e modificar, nos quais o conhecimento da leitura e da escrita é feito pelo alargamento e aprofundamento da consciência crítica do ser humano frente à sua realidade.

Ainda em nosso país alguns adultos ao concluírem a educação básica, são incapazes de usar a leitura e a escrita para finalidades corriqueiras. Como as pessoas podem saber ler e escrever palavras e frases, embora isso não lhes assegure o exercício de práticas de leitura e escrita, de modo a alcançar propósitos na sociedade em que aquelas práticas se fazem essenciais para o exercício de cidadania.¹⁵

¹⁵ Analisar Moraes e Albuquerque (2005),

A prática tradicional de alfabetização em que primeiro aprende a decifrar a partir da seqüência de passos e etapas, somente depois se lê, não garante a formação de leitores e escritores, às vezes cria-se contradição, “lêem-se e escrevem-se textos interessantes, mas o ensino da escrita não muda.” Alguns professores têm o desejo de que esse aluno seja o sujeito de sua aprendizagem, que ele compreenda o que foi passado e aprenda a refletir através de atividades mecânicas, que lhe foi proposto no dia-a-dia.

Na sala de aula muitos continuam enfrentando dificuldades, tais como: constrangimentos sociais diversos, inúmeras barreiras escolares se ergueram em diferentes esferas de suas vidas, alguns obstáculos surgiram, como afirma Soares.

...destaca-se a limitação e, em muitos casos, inexistência de oportunidades educacionais para esse público, como sendo senão, o maior, certamente um dos maiores obstáculos a serem transpostos para que a retomada da trajetória de escolarização se viabilizasse. À falta de escolas e, mais especificamente, à falta de vagas para jovens e adultos pouco ou não-escolarizados em escolas dos sistemas público de ensino regular. (SANTOS, 2006, p. 17).

Portanto, se a inexistência de oportunidades educacionais acessíveis a jovens e adultos pouco escolarizados constitui grave negação de direito, a formação escolar básica, regular, pública de qualidade, a existência pura e simples de oportunidade, não representa a resposta, mas um passo bastante significativo em sua direção. Atualmente não basta oferecer escola; é necessário criar condições de freqüência, utilizando a política de discriminação positiva, sob risco de culpar os próprios alunos pelos seus fracassos.¹⁶

As próprias condições biológicas aliadas a situação mental subjetiva propicia que estas pessoas tenham um grande temor de concluída a alfabetização, mudem de escola e tenham de conviver com adolescentes desconhecidos e desrespeitosos, capazes de lhes expor a situação vergonhosa, ridícula ou de agressividade. Elas têm medo da violência existente nas escolas das redes municipais e estaduais, que oferecem a educação continuada para os jovens. Os

¹⁶ De acordo com Haddad, (apud Santos, 2006, p. 37)

mais jovens, diferentemente, talvez por vivenciarem outras condições de vida e lerem a realidade através de lentes mais generosas, possuem outros estados intencionais; afirmam que querem seguir estudando.

Isto significa que os métodos e as técnicas utilizadas para o ensino e a aprendizagem do aluno, independente da base teórica que lhe oferece suporte, não terão efeitos significativos sem que exista relação entre o emprego e os fatores que propiciam a busca pelos novos conhecimentos e as competências dos indivíduos para a aprendizagem. O conjunto dessas relações auto-organizadas é quem possibilita o processo da apreensão e retenção dos novos conhecimentos, produzindo novas aprendizagens.

A condição do sujeito letrado¹⁷ se constrói nas experiências culturais, sociais, com práticas de leitura e escrita que os indivíduos têm oportunidade de viver, antes de começar a educação formal. As crianças que vivem em ambientes letrados não só se motivam precocemente para ler e escrever, mas começam cedo a refletir sobre as características de diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre os estilos finalidades.

O modelo atual de sociedade letrada é não saber ler nem escrever - alfabetização - é condição necessária para afetar os níveis de autonomia do indivíduo e responder as suas necessidades, esta privação pode servir como incentivo para a aprendizagem e para a inclusão. Portanto, essas necessidades podem ser as condições necessárias capaz de transformar essa motivação para estudar em aprendizagem - aquisição de competência - solucionar problemas, ampliando a autonomia e os espaços de cidadania dos indivíduos.¹⁸

Aplicando esse raciocínio á situação de pessoas jovens e adultas que não sabem ler nem escrever, é necessário observar que a motivação desses

¹⁷ Magda Soares diz que a entrada da criança e do adulto analfabeto no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: a alfabetização, o letramento.

¹⁸ Alfabetização e letramento, Soares, URL: <http://www.anped.org.br>

indivíduos para freqüentar a escola e esse aprendizado, relaciona-se com as necessidades de resolução de problemas cotidianos, alguns emergentes. Por sua vez, é importante ressaltar que esses incentivos não são condições suficientes para mudar estados de indivíduo, da situação do não saber e aprender a ler. Porque todos são capazes, depende de cada professor como irá repassar os seus conhecimentos a esse indivíduo.

2.4 – A motivação e a capacidade de aprender do adulto

Os motivos ou as necessidades das pessoas em serem alfabetizadas coincidem em muitos aspectos; variações de acordo com a idade, o espaço onde vivem, o gênero, a ocupação, as formas de mobilidade. No grupo de pessoas com mais de 50 anos, por exemplo, a vontade de aprender a ler parece mais localizada nas condições concretas de suas existências. Nessa coletividade, existe a crença de que as suas vidas já estão traçadas, por isso, não há mais necessidade de prosseguirem nos estudos. Elas pretendem parar de freqüentar a escola e adquirir a habilidade de ler e escrever um pouco.

No entanto, alguns dizem que irá estudar porque ainda é jovem e tem muitos anos de vida pela frente. Alguns são conscientes de que a escola não garante emprego, mas sem ela tudo fica mais difícil. Por isso afirmam ter interesse em continuar os estudos e aprender coisas novas como informática, matemática, arte ou profissão definida; inclusive, após concluir a alfabetização, prosseguir o ensino fundamental e médio e até fazer um curso superior.

Entre as mulheres, algumas se iniciaram os estudos na adolescência, mas chegaram ao casamento sem que estivessem totalmente alfabetizadas. Porém, a oportunidade une motivação com a importância de continuar estudando; sente necessidade de serem mais compreendidas, entender o mundo e ajudar os filhos nas tarefas escolares, coisa impossível dada a sua situação de analfabetismo.

É importante despertar no adulto a consciência¹⁹ da necessidade de instruir-se e alfabetizar-se. Isso só é possível se ocorrer simultaneamente e amplamente através da consciência crítica de sua realidade total como ser humano, fazendo-o compreender o mundo onde vive, seu país, região, e que ele terá a noção clara de sua participação na sociedade pelo trabalho que executa, os direitos e deveres que possui de acordo com a igualdade. (PINTO, 1987),

No processo de relações e auto-organizações estão incluídas as diferenciações, necessidades ou capacidades individuais. Os alunos, mesmo despertando interesses semelhantes, são diferentes nas suas capacidades, interesses, ritmos evolutivos, estilos de aprendizagem e nas suas situações ambientais. Entretanto são iguais em inúmeras características e categorias. Logo, incentivos ou necessidades aparentemente diferentes podem convergir para um mesmo objetivo, assim como pode existir relações entre fenômenos tidos como diferentes. (Revista Brasileira de Educação)²⁰.

Ir á escola para aprender a ler ajuda nos processos de socialização. Muitas as pessoas utilizam-na como um local de lazer, fazer amigos, fugir da rotina doméstica. No universo dos iletrados, a religião se transforma em vetor que impulsiona a volta á escola. A contingência de ser evangélico e o incentivo dos companheiros ou pastor propiciam o retorno ou ingresso, principalmente das pessoas com mais idade pelo desejo de ler a Bíblia. A necessidade de ler os anúncios da cidade, dos ônibus para melhor se locomover e não depender de outra pessoa, para viver a cotidianidade urbana, evitar vergonhas, como, por exemplo, não entrar no banheiro masculino, ao invés de entrar no banheiro feminino, são os aspectos destacados na busca de novas aprendizagens.

É importante rever as necessidades de conhecer novos vocabulários, de se expressar melhor. Muitos se preocupam com a pressão familiar, de que eles

¹⁹ Pinto, (1987), afirma que o adulto é o homem na fase mais rica de sua existência, mais plena de possibilidades.

²⁰ Revista Brasileira de Educação, URL:<http://www.anped.org.br>

são incapazes. Outros, principalmente as mulheres, acham importante auxiliarem seus filhos nas tarefas, mesmo porque alguns já alfabetizados zombam de suas incapacidades de ler e por isso, eram chamadas de "burras", tornando-as fragilizadas diante da família, com sensação de baixa estima.

Nos espaços das necessidades existe, ainda, a vontade pela leitura e escrita, para escrever cartas as família, ou ler cartas de amor. A mídia, através da suas propagandas sobre os benefícios da alfabetização, também é um veículo que motiva as pessoas a participarem do programa de alfabetização. Estas propagandas são, algumas vezes, somadas ao convite individual do professor, feito de em casa, existe aqueles que alimentam, por algum motivo, a vontade de aprender a ler ou de seguir estudando. (COSTA, linguagem escrita)²¹.

Além dos motivos já expostos, o desejo de vir ou retornar á escola, tanto para os jovens quanto para os adultos de qualquer idade, é assumido como ação edificante. A sala de aula cumpre funções que vão muito além de ser um espaço onde se aprende a ler e escrever. Voltar a estudar é algo assumido pelos mais velhos como ato de rejuvenescimento²², sinônimo de prazer, de distração, atividade criadora de novas amizades e de ocupação positiva da vida. Os mais jovens não negam esses benefícios da escola, mesmo alegando que estudar é tarefa ingrata. Alguns possuem a consciência da necessidade de se alfabetizar, mas afirmam que esse processo não é fruto de vontade individual, e sim da intenção coletiva; neste caso, a intencionalidade é algo que se satisfaz por pressões de terceiros. (OLIVEIRA, Revista Brasileira de Educação).

Alguns jovens se iniciam por diversas vezes os estudos escolares e o abandonam, alegando que o fizeram por preguiça e desinteresse nos estudos. Ainda assim reconhecem que é necessário para a inclusão no mundo do trabalho, para a convivência mais livre e autônoma no cenário urbano e amenizar a pressão social dos dias de hoje. Este por sua vez cobra das pessoas habilidades que exigem leitura e

²¹ Costa, URL: <http://www2.anhemi.br>

²² Para um maior aprofundamento ler o artigo: Juventude e Educação de Jovens e Adultos de MORENO, Gilberto Geribola.

escrita. Mas é devido às novas exigências do mundo do trabalho que a necessidade de ler e escrever se torna mais evidente. Os sujeitos falam de suas dificuldades e limitações, reconhecendo que ser analfabeto dificulta as poucas oportunidades que se apresentam para se trabalhar ou para se manter no emprego, apesar de serem ótimos profissionais.

Considerando a própria realidade dos educandos²³, o educador²⁴ conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos, abrindo-lhes um maior campo para o atingimento do conhecimento. O jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatarem a sua auto-estima, pois sua "ignorância" lhes trará ansiedade, angústia e "complexo de inferioridade". Esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade.

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas atingir o íntimo do ser humano, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual existe o método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, o conteúdo com o processo de aprendizagem. (FREIRE, 1979).

Para que a educação seja um processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as conseqüências de sua escolha. Construir novos conhecimentos. Porém o papel do educador é mediar à aprendizagem, priorizando nesse processo a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o "conhecimento letrado".

²³ No artigo de Eliane Ribeiro Andrade, foi feita uma estatística em que os educando estavam sendo excluídos da escola...

²⁴ Para um maior aprofundamento Maria Amélia, em seu artigo, ressalta que o educador deve realizar as tarefas com uma postura de vida, marcada por uma abertura do novo; disponibilidade para a mudança;

CAPÍTULO III

A PSICOPEDAGOGIA E O EJA

3.1 - Importância da aprendizagem do EJA e o papel do psicopedagogo

Para ler é necessário manejar com destreza as habilidades de decodificação, os seus objetivos, idéias, experiências e mesmo a motivação. A leitura é um processo de reaprender, de reaver, do saber e da construção dos próprios sentidos não apenas visão utilitária da linguagem. Os propósitos são vários e dinâmicos. O ato de ler pode ser por prazer, deleite, fruir um texto, outras vezes para obter informações precisas, aprender, seguir instruções ou mesmo para revisar o próprio escrito.

O alfabetizando adulto faz com tanta competência a leitura do mundo, porém improvisam competentemente a dos livros, revistas, jornais, cordéis, bíblias, poesias, fábulas, etc. segundo Paulo Freire (apud Albuquerque, 2005, p.121),

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (PAULO FREIRE, 1997, p. 11)

O aprendiz da leitura e escrita deve ser concebido como o sujeito em busca do conhecimento. Os analfabetos jovens e adultos tem contato com os mais variados gêneros textuais, ainda que não sejam usuários efetivos desses textos. Como por exemplo: nas ruas, supermercados, igrejas, associações, televisão. Portanto o adulto está sempre em busca de novos conhecimentos e meios capaz de produzir cada vez mais. Segundo Coll, (2000).

numa perspectiva construtivista a finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de realizar a aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstancias que o aluno "aprenda a aprender". (COLL, 2000, p.13)

No dias atuais é importante compreender que o analfabeto vive numa sociedade letrada com várias exigências culturais implícitas na linguagem alfabética. Basta, portanto, retirá-lo das condições inferiores da existência em que vive e fazê-lo

compreender a realidade imediatamente e incorporá-lo o saber letrado como elemento natural da consciência crítica que começa a produzir para si mesmo. (PINTO, 1987).

Para o analfabeto a dificuldade de aprendizagem é constante, surge então o fracasso escolar, as decepções porque muitos desistem, ou sequer desejam voltar á escola, cabe ao psicopedagogo intervir, ajudando através de indicações adequadas, tais como: assessoramento e mudança de escola, orientação, ajuda extra-escolar mais pautada, espaço de aprendizagem mais expressivo.

Para resolver o fracasso²⁵ escolar quando provém de causas ligadas a estrutura individual ou familiar é necessária intervenção psicopedagógica, como por exemplo: tratamento individual, trabalhos diversificados realizados em grupo, oficinas, recreação, principalmente desenvolver a auto-estima do adulto.

De acordo com Fernández, (1991, p. 82),

o problema de aprendizagem que constitui um “sintoma” ou uma “inibição” toma forma em um indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente.

É importante descobrir o significado desse sintoma na estrutura familiar ou no próprio indivíduo e analisar a história individual do sujeito, observando-o de acordo com o seu desenvolvimento e sua capacidade, para que o próprio busque libertar a inteligência, a capacidade cognitiva e o seu aprendizado.

Cabe ao psicopedagogo fazer com que os professores, diretores e coordenadores repensem o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem do adulto, mesmo que a instituição se preocupe com os problemas escolares, nunca conseguiria abarcá-la na sua totalidade, alguns analfabetos apresentam maior comprometimento do que outros, como por exemplo a dificuldade na leitura.

O psicopedagogo é tido como um professor particular, que realiza a sua tarefa de pedagogo sem perder de vista os propósitos terapêuticos da sua

²⁵ Leia mais em Fernández, a inteligência aprisionada, 1991.

ação. Qualquer que tenha sido a sua formação, ele assumirá a dupla polaridade do seu papel, que determinará o modo de ser perante o alfabetizando, bem como a equipe que pertence. Janine Mery diz o seguinte,

O “transtorno de aprendizagem” é encarado como manifestação de uma perturbação que envolve a totalidade da personalidade;
A neutralidade do papel de psicopedagogo é negada, e este conhece a importância da relação transferencial²⁶ entre o profissional e o sujeito da aprendizagem;
Objetivo do psicopedagogo é levar o sujeito a reintegrar-se à vida escolar normal, respeitando as suas possibilidades e interesses. (apud BOSSA, 1991, p. 34 e 35).

O psicopedagogo deve respeitar a escola tal como é, apesar de suas imperfeições, porque é através dela que o aluno se situará em relação aos seus semelhantes, optará pela profissão, participará da construção coletiva da sociedade a qual pertence. Com isso não impedirá que o psicopedagogo colabore para a melhoria das condições de trabalho da escola ou conquiste seus objetivos.

O profissional deverá estabelecer condições de qualidade para o desenvolvimento integral do jovem e adulto e contribuir de maneira proveitosa para o estabelecimento de comunicação entre família e escola. Essas relações devem ser conduzidas através de confiança mútua e serem articuladas em torno de metas.

É importante que o psicopedagogo busque sempre desenvolver a personalidade o indivíduo, favorecendo as suas iniciativas pessoais, suscitando os seus interesses na educação, respeitando os seus gostos e individualidades, propondo e não impondo atividades, procurando sugerir pelo menos duas vias para a escolha do rumo a ser tomado.²⁷

O psicopedagogo poderá sugerir algumas atividades na escola, tais como: reuniões com todos os profissionais para ouvir as suas opiniões, falar, propor novas metas; organizar cursos ou mesmo palestras sobre determinados assuntos, oficinas com atividades práticas, para professores e alunos; realizar atividades em grupo com os alunos para debate, quando for possível. (BOSSA, 1991)

²⁶ Ler mais em psicanálise sobre o processo de transferência.

²⁷ MARY JANINE apud BOSSA 1991.

3.2 – Fundamentos psicológicos na Educação de Jovens e Adultos

Quando o adulto consegue concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. Ele se relaciona bem melhor com o mundo urbano, com a sociedade, envolve-se com atividades de trabalho e lazer. Pensar sobre esses jovens e adultos através do aprendizado envolve pelo menos três campos que contribuem para a definição no seu lugar na sociedade. A condição de não-criança, excluídos da escola e a de membros determinantes dos grupos culturais. Como afirma Oliveira (apud revista Brasileira de Educação, 1999, nº 12).

Com relação à condição de “não crianças”, esbarramos aqui em uma limitação considerável da área da psicologia: as teorias do desenvolvimento referem-se, historicamente, de modo predominante à criança e aos adolescentes, não tendo estabelecido, na verdade, uma boa psicologia do adulto. Os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do que aqueles referente às crianças e adolescentes. (Oliveira, 1999 p. 60).

A idade adulta tem sido encarada como período de estabilidade e ausência de mudanças. É importante considerar a etapa substantiva do desenvolvimento humano, os fatores culturais são necessários, porque cada período de vida é suscetível a identifica com vários papéis, atividades e relações.

Palácios²⁸, afirma que as pessoas mantêm um bom nível de competência cognitiva até a idade avançada. Os psicólogos evolutivos estão cada vez mais convencidos o que determina o nível de entendimento das pessoas mais velhas não é a idade em si mesma, mas uma série de fatores, entre eles; a saúde, educação e cultura, a experiência profissional e o tônus vital; como a motivação, bem-estar. É esse o conjunto não a idade cronológica que determina boa parte da probabilidade de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva.

Atualmente é escasso o profissional da psicologia e a psicopedagogia que atue na área da EJA, o trabalho é voltado praticamente para o atendimento de criança com problema de comportamento ou dificuldade de aprendizagem,

²⁸ Palácios, 1995.

mas o adulto precisa desse tratamento, principalmente porque ele está atrelado a fatores culturais, sociais, está sempre em busca de novos horizontes.

O adulto traz consigo a história longa de várias experiências, conhecimento acumulados e reflexões sobre o mundo externo, a si mesmo e a outras pessoas. Nessa fase da vida é importante que ele reconheça diferentes habilidades, dificuldades que ele irá enfrentar no cotidiano e capacite a refletir melhor sobre o conhecimento e os próprios processos de aprendizagem.²⁹

As dificuldades dos adultos são constantes em relação as crianças, como a diferença na aplicação do exame psicológico. Porque ele é conservado e resistente a mudança. No decorrer da aplicação, o idoso apresenta mais prudente, desconfiado em relação a tudo quanto se possa apresentar como intrusão na sua vida pessoal. Leon afirma que:

...o adulto, em razão do peso das experiências vividas, acumulou maior número de estereótipos que a criança. Disso resulta maior sensibilidade às dissonâncias cognitivas, à discordância entre, por um lado, o que a gente pensa e, por outro lado, o que a gente sabe, e procede de conhecimento empírico ou científico. A este respeito, podem ser observadas duas formas de reação. Alguns pretendem reduzir a dissonância cognitiva e desejam conhecer os resultados dos exames de que são objeto. Outros, pelo contrário, temem a discussão ou a destruição da imagem que formam de si mesmo. (LEON, 1987, p. 32 e33)

Mas o examinador não escapa dos fenômenos de dissonância cognitiva³⁰. Ele pode ser influenciado por certos estereótipos referentes à velhice, a menopausa ou a filiação de algum grupo étnico. A idade, o sexo pode intervir através de alguns fatores psíquicos concernentes às realizações ou as motivações.

A investigação psicológica são diversas e numerosas. É vista através do estudo global vivido por diversos povos, principalmente os imigrantes; o analítico, que são as realizações intelectuais do analfabeto e finalmente o

²⁹ Kohl, Jovens e Adultos, URL:<http://www.anped.org.br>.

³⁰ **Dissonância cognitiva** é uma propriedade de relação entre dois elementos do domínio cognitivo tal que um desses dois elementos tenderia a acarretar o inverso do outro ou sua negação por intermédio de pressões, e até a redução da dissonância.

psicopedagógico, é a avaliação da formação, cuja realização repousa em três princípios. Léon, faz uma associação do ensino.

- ligar estreitamente o conteúdo do ensino às exigências do meio;
- associar o ensino da língua, a informação geral e técnica, a iniciação ao desenho e aprendizagem manual;
- confiar as tarefas pedagógicas a um docente oriundo do mesmo meio dos estagiários. (Léon, 1987 p. 38)

Finalmente a avaliação engloba a ação educativa³¹, necessariamente, efeitos imediatos e a longo termo. É importante levar em consideração o desenvolvimento do indivíduo e a transformação de seu quadro de vida. Cabe-se então ao psicopedagogo atender as necessidades dos analfabetos e acompanhar os progressos de cada um no decorrer de suas vidas, auxiliando, incentivando e apoiando diante de suas dificuldades. É importante fazer um trabalho multidisciplinar com o adulto, como por exemplo, o psicólogo.

3.3 – Relação da psicopedagogia e o EJA (Educação de Jovens e Adultos)

A educação de adultos, com suas finalidade profissionais ou culturais, está fundamentada nas transformações em todos os campos da atividade humana, por exemplo: a sua formação, trabalho, lazer, vida familiar. Desta maneira as exigências intelectuais aumentam cada vez mais. Mas a responsabilidade não decorre apenas do privilégio da idade. O adulto aprende a tornar-se esposo, pai, avô, dirigente profissional. Pois, a natureza e a importância dos esforços de aprendizagem feitos pelo adulto conferem aos meios educacionais, á família, por exemplo, certas características psicossociológicas indispensáveis á compreensão da criança.³²

Ao analisar a criança com dificuldade de aprendizagem, percebe-se as diferenças secundárias entre famílias populares cujo nível escolar e situações financeiras são bastante próximos. As condições econômicas e culturais, muitas vezes consideradas de forma grosseira a partir da profissão do chefe de família. É possível

³¹ A ação educativa compreende as ações intencionais cuja finalidade é a formação do aluno, deve haver a interação professor-aluno A escola, cumpre a função sistêmica e função simbólica

³² Segundo Léon, 1987.

que configurações familiares causem dificuldades em crianças com nível de adaptação escolar tão diferentes? Lahire, responde essa questão.

a personalidade da criança, seus 'raciocínios' e seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações sociais que se tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros da constelação familiar, em um universo de objetos ligados às formas de relações sociais intrafamiliares" (p.17). Mas "a presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse capital cultural for colocado em condições que tornem possível sua transmissão. (LAHIRE 1997 P. 12 E 17).

É importante ressaltar que o capital cultural equivale aos contextos familiares que produz situações escolares diferenciados na medida em que o rendimento escolar depende das configurações existentes. Portanto, as pessoas aprendem a atuar cognitivamente nos ambientes específicos onde vivem, é nesses locais que elas desempenham repetidamente, as tarefas significativas que envolvem capacidades cognitivas. Porém, todos os seres humanos são inteligentes, capazes e pensam de forma adequada, independente da idade, situação financeira ou meio cultural.

É importante verificar a medida que a psicopedagogia esclarece o ato educativo, o aprendizado, pode favorecer o meio cultural, a formação, o desenvolvimento de intercâmbios. Porém esse ato reside no processo de trocas entre o professor e aluno. Implica na atividade de todos e se opera pela mediação do objeto de estudo ou do suporte do ensino. Visando obter certas mudanças em matéria de personalidade de ambos, que é o conhecimento o saber.

O ato educativo é definido como "psicopedagogia aberta", descreve vários itens destacando a personalidade do aluno e comportamento do professor: 1) psicopedagogia aberta repõe toda observação, feita em meio educacional, num conjunto que domina e a esclarece. 2) considera cada componente a reação, ao mesmo tempo como causa e efeito; 3) ela toma em consideração todos os fatores biológicos, psíquicos e sociológicos do ato educativo, mas recusa submeter esse ato ao imperialismo das ciências da educação; 4) nem por isso deixa de lado a tarefa de hierarquizar os fatores do ato educativo. Portanto, essa hierarquização depende das situações no tempo e no espaço. Assim, o analfabetismo, tomado em conjunto, é sobretudo imputável a fatores sociológicos. 5) é otimista. (LÉON, 1987).

A psicopedagogia tem por objetivo o estudo das relações que se estabelecem entre os quatro pólos do ato educativo; o ensinante³³ ou formador; os alunos, ou estagiários; cada um desses itens é matéria do campo de investigação próprio a diversas disciplinas. Assim, o comportamento do formador admite estudo ao mesmo tempo psicológico, biológico.

A Psicopedagogia se interessa sobretudo, pelos fatores de ordem psicológica ou pedagógica que facilitam ou bloqueiam as comunicações, na rede delimitada pelos quatro cantos. Em se tratando de adultos, é importante ressaltar a idade e a experiência. Do ponto de vista normativo, a psicopedagogia tem por objetivo facilitar as comunicações no seio da rede. O profissional da área intervém, como estimulador ou regulador das correntes de permuta que se estabelecem entre os quatros pólos. De acordo com Léon (1987, p. 31)

É obvio que a realização de uma psicopedagogia aberta dos adultos supõe, da parte do especialista, um domínio dos conceitos, dos métodos e das técnicas da psicologia científica. Necessita, também, de uma tomada de consciência das dificuldades próprias ao estudo psicológico do adulto.

É necessário verificar que indivíduos de diferentes idades viveram eventos históricos ou experiências diversas em número e natureza. No entanto existe muita resistência a mudanças devido ao conservantismo, a sua criação, o meio em que vive. Muitos acham que não é importante retomar aos estudos, sentem-se discriminados. É por estas e outras razões que o psicopedagogo tem que analisar várias situações existentes no contexto social, familiar do idoso.

A espécie humana necessita ser educada para se transformar em ser humano, capaz de se apropriar de sua cultura. Então como aprender cidadania em um país onde a corrupção corre solta, a violência encontra-se em cada esquina, a igualdade de deveres e direitos não é exercida, a nação não é vista como bem comum. É mais fácil cultivar o individualismo em um mundo capitalista do que o sentimento de cooperação. Como afirma Barbosa,

³³ É um termo utilizado na filosofia clínica.

transformação inclui o pensar em um cidadão que possa realmente se comprometer com sua ação, que precise necessariamente saber, ser, fazer e compartilhar. Só a transmissão de conhecimento, o estudo para obter notas e vagas para aprender uma profissão, para ocupar o tempo, não dão conta de formar um cidadão. É preciso ensinar / aprender para colocar o conhecimento em prol da sociedade e de sua transformação. (Barbosa, 2001, p.77).

Não basta estudar sobre a poluição e o meio ambiente, ciência biológicas, geografia, como por exemplo. O objeto de estudo deve estar relacionado com a realidade da comunidade em que vive o aluno, porque não se prepara cidadão para o futuro, precisa-se para o presente, consciente de seu papel e atuantes na sociedade. As disciplinas escolares devem ser ensinadas como instrumento de transformação, e não como conteúdos prontos acabados.

É necessário que o indivíduo solucione determinadas situações a partir da estrutura cognitiva que ele possui naquele momento específico da sua existência. Representa um processo contínuo na medida em que o sujeito está em constante atividade de interpretação da realidade que o rodeia e, conseqüentemente, tendo que se adaptar a ela. Ele deverá ter sempre a tentativa de integrar aos aspectos experienciais e esquemas previamente estruturados, ao entrar em contato com o objeto do conhecimento o ser humano busca retirar dele as informações que lhe interessam deixando outras que não lhe são tão importantes visando sempre a restabelecer a equilíbrio do organismo.

O educando gera imagem negativa de si mesmo, levando-o até mesmo duvidar do seu próprio potencial e apresentar problemas de auto-estima. Para o alfabetizador limita a possibilidade da realização de um diagnóstico mais preciso acerca do nível de desenvolvimento cognitivo do educando.

Conseqüentemente, as conclusões de sua avaliação são injustas e depreciativas por desconsiderar aspectos construtivos que ficam mascarados pela caligrafia inadequada. No caso do aluno, esse problema pode ser irreversível: muitas vezes abandona o curso e continua a integrar as estatísticas do analfabetismo.

Quando continua a freqüentar as aulas e não é corretamente avaliado e orientado, agravam-se seus problemas de bloqueio para inserção na cultura letrada.³⁴

Os adultos analfabetos não tiveram orientadores alfabetizados, como pais, irmãos, professores, ou mesmo familiares mais próximos que fizessem intervenções adequadas nesse processo, mesmo assim vêm ao longo da vida construindo hipóteses e testando formas de escrever e ler. Quando alguém entende que o desenho é para ver e as letras são para ler, é possível que ao escrever trace sinais que julga serem letras, convencionais ou desordenados.

A psicopedagogia como área de estudo e atuação, voltada para as dificuldades de aprendizagem, tem muito a colaborar e aperfeiçoar as possibilidades da escola, concentra exclusivamente em prevenir a qualidade de ensino/aprendizagem quanto a minimização ou superação dos problemas já existentes. De acordo com Barbosa ela afirma que,

a psicopedagogia no âmbito da instituição, ao escolher uma forma preventiva de ação, transforma a atenção individual em grupal, analisa os sintomas, considerando a gama de relações que existem numa instituição, e propõe projetos de atuação que apontem para uma mudança global, sem deixar de atender os casos concretos que aparecem como sintoma das tensões existentes na instituição. (Barbosa, 2001, p.64)

É necessário conceber a realidade como um todo e tratar os problemas individuais com relação ao contexto existente. Pois, a dificuldade não pode ser de responsabilidade de uma só pessoa, ou um único grupo. Como por exemplo: se alguém não aprende é preciso verificar a ação de ensinar e vice versa. É importante analisar se esse fato encontra latente no movimento da instituição. Porque na escola há diversidade, além de interagir com situações externas, culturais, políticas, educacionais, podem intervir positiva ou negativamente. Que segundo Bossa, ela descrever a escola preocupada na formação de professores.

pensa a escola a luz da Psicopedagogia implica na preocupação com a formação dos professores, no sentido de buscar modalidades de ação pedagógica eficientes. Dito com outras palavras. Dito com outras palavras, uma forma de prevenir dificuldades de aprendizagem seria investir no aperfeiçoamento de professores, objetivando uma relação madura e

³⁴ Kohl, Jovens e Adultos, URL: <http://www.anped.org.br>

saudável entre eles e seus alunos e oferecendo condições de reflexão sobre a prática e de aplicação prática das reflexões. (Bossa apud BARBOSA, 2001, P.67),

A psicopedagogia preventiva³⁵ amplia seu olhar sobre a escola focando no aspecto latente, podendo provocar o aparecimento de sintomas emergentes na principal ação que é a de ensinar e aprender, portanto a intervenção envolve várias instâncias da instituição escolar, em busca de possíveis soluções.

No contexto escolar é importante haver um projeto de trabalho, visando a aprendizagem. A possibilidade de descontextualização e de generalização dos resultados. Este fator acontece nas idades mais avançadas de escolaridade, quando estudar pode ser a partir do que se conhece, não necessariamente estar relacionado com a vivência pessoal, portanto, os aspectos ligados ao tempo, espaço, tarefa e aos papéis precisam estar claros entre os protagonistas do ensino / aprendizagem, para servirem referenciais organizadores da ação.

Finalmente a psicopedagogia desenvolveu seu próprio corpo teórico através de várias áreas de conhecimentos: com ela aprende a fazer convergência, a interdisciplinaridade, o que possibilita a leitura integradora do aprendiz, daquele que ensina, da relação que se estabelece entre estes dois sujeitos, do conhecimento e do contexto em que tudo se desenrola, portanto contribui para a prevenção das dificuldades. Auxiliando nos aspectos positivos e negativos na educação de jovens e adultos. Influenciando em vários fatores determinantes de sua vida. Como a educação.

3.4. A ação psicopedagógica Institucional na EJA

A psicopedagogia possui um papel importante no sentido de cuidar de todos os processos de ensino que acontecem no interior da escola. Significa cuidar dos processos de aprendizagem docentes e discentes, dos seus medos, preconceitos, dificuldades e facilidades que, articulados no conjunto, configuram a identidade de todo o grupo escolar.

³⁵ A psicopedagogia institucional é uma forma de intervenção preventiva, participa da elaboração dos conteúdos e da forma que eles são apresentados, tornando-os mais significativos e voltados para a realidade educacional do grupo.

O aluno da EJA apresenta o conjunto de características peculiar que envolve o retorno à escola como sendo a via possível para se alcançar postos mais elevados no mercado de trabalho, ou ainda, para as mulheres – donas de casa em específico - uma oportunidade de vivenciarem uma atividade produtiva diferente das realizadas no interior do próprio lar.

Em geral, esse aluno chega à escola com grande receio de não conseguir cumprir com as exigências institucionais e, ao mesmo tempo, apresenta uma visão de escola completamente atrelada à perspectiva empirista de educação. Isto o leva a refutar quaisquer propostas de ensino que sejam distintas do conhecido e 'clássico' modelo de uma aula transmitida via quadro de giz, com pouco diálogo, muita cópia e repleta de exercícios repetitivos para que o aluno execute.

É interessante verificar o quanto existe uma representação forte do que seja a escola para esses alunos e uma crença profunda de como acontece o processo de aprendizagem. Como por exemplo: alguns alunos preferem aulas em que o professor escrevesse de forma intensificada no quadro e que “não fizesse muitas perguntas porque, segundo eles, “ cansa muito”. É possível perceber a resistência que existe no próprio corpo discente de aceitar uma proposta diferenciada de ensino, a qual evoque a autoria do indivíduo e o torne parte ativa no processo de construção e gestão da sala de aula.³⁶

É justamente nesse contexto que a psicopedagogia institucional se faz necessária, agindo de forma que a instituição escolar seja vista como tendo a sua modalidade de aprendizagem, o seu modo de lidar com o ensinar e com o aprender. Alunos, professores e funcionários são agentes que compõem o pensamento e a ação da escola, configurando os problemas de ensino e de aprendizagem que acontecem no corpo institucional.

A psicopedagogia sistêmica tem como função, com foco na EJA, diagnosticar quais são as modalidades de aprendizagem dos professores e dos

³⁶ Moraes, atuação psicopedagógica, URL: <http://www.fapa.com.br>

alunos, as crenças relativas à educação e às possibilidades de aprender/ ensinar que esses sujeitos trazem consigo, as quais têm o poder de serem concretizadas porque alicerçam as ações e reações vividas por esses indivíduos. A ação psicopedagógica deve ser vivencial, no sentido de promover o encontro com o simbólico e providenciar a junção coerente dos aspectos objetivos com os subjetivos no humano.

É importante ter o cuidado para não assumir a parte doentia da instituição, tornando-nos um depositário de queixas e lamentações sem poder resolver de modo eficaz o problema colocado, isto faz com que o profissional sinta impotente e incompetente. Se a instituição tem essa tendência, deve-se fazer com que cada elemento assuma a sua parte. (MORAES, atuação psicopedagógica, em seu artigo).

O contexto da Educação de Jovens e Adultos, como já relatado, pode ser caracterizado como absolutamente conflitivo, marcado pelos aspectos da insegurança, descrença e pelo medo de fracassos consecutivos que teriam, no imaginário do aluno, a função de desvelar o potencial da sua incapacidade de aprender, ou seja, do quanto ele não é capaz e bem dotado intelectualmente.

Pode-se constatar que absentismo³⁷, falta de compromisso, baixa autoestima, desistência da escola são elementos que descrevem o quadro de professores e alunos no caso da EJA. Isto porque é evidente o número de discentes que se evadem ao longo do ano letivo, desistindo de levar a cabo a sua intenção de retornar e concluir a educação básica. Desse modo, evidencia-se o quanto a escola, composta por professores, alunos e funcionários, representa uma instituição problemática, no âmbito da sua dinâmica relacional, do modo como trata os atores do seu enredo. É gritante a quantidade de professores desestimulados, desprovidos de sentido no exercício da sua profissão. (MORAES, atuação psicopedagógica).

³⁷ **Absentismo** do latim *absens*, ausente, de *ab* + *esse*. Diz-se daquele que não está no local, onde, pela sua função, devia estar. É aquele que falta a uma obrigação, que se ausentam. Ver mais na enciclopédia.

Os professores, em geral, são vistos como os grandes vilões³⁸ da trama pedagógica. São eles, para muitos, os grandes responsáveis pela evasão na EJA, pela reprovação, pela falta de interesse dos alunos. Na academia, de certa forma, é esse o discurso que impera. Contudo, professores são seres humanos, são pessoas, que têm ideais, projetos, que desejam ser valorizados, reconhecidos, que tiveram e têm sonhos.

Nesse mesmo enredo, estão os alunos, que retornam à escola movidos, também, por um sonho: o de poder melhorar de vida. O que ocorre é que, ao adentrarem na realidade da escolarização, se sentem pouco conhecedores, muito miúdos na comparação com as demais pessoas que compõem a sociedade e que têm na escola a justificativa para o seu sucesso. Assim, constrói-se um movimento interno progressivo de constrangimento e de sentimento de não pertença.

A escola não consegue ser reconhecida como um espaço de identificação; a escola é vista como território oposto, que pressiona, que descarta, que não enxerga o seu aluno. Em contato com essa sensação de descaso, o indivíduo se auto-define como sem importância, inadequado para aquele lugar, como alguém que não faz falta e não tem com o que contribuir. Esse sentimento cresce e o impulsiona à desistência. Inclusive os professores. Alguns não investem na verdadeira função: ensinar. Às vezes não o fazem porque não sabem.

A complexidade da sociedade e a variedade de papéis que o professor se vê obrigado a desempenhar faz com que ele perca a sua noção de identidade profissional e experimente uma espécie de “vazio” no que se refere ao seu auto-conceito. Tal vazio constitui o não saber a respeito de si próprio, o qual vai definir a relação que ele estabelecerá com o seu aluno. Nesse sentido, a prática pedagógica da reprodução, da cópia, da realização de artefatos sem sentido representa uma espécie de ‘escudo’ para esse professor que, sem saber bem qual é o seu papel e o

³⁸Para um melhor aprofundamento, ler o artigo: Governo e professores: os únicos vilões da Educação no Brasil? De Armando Terribili Filho.

sentido dele decorrente, recorre a modelos antigos para ter o que propor, explicitando, para fins externos, um caráter produtivo em seu trabalho. (MORAES, atuação psicopedagógica, em seu artigo).

Na tentativa de criar soluções para esse quadro em que se encontra a escola, a psicopedagogia institucional, por adotar um perfil sistêmico, pode auxiliar na reversão das dinâmicas disfuncionais que caracterizam as relações que se travam no ambiente escolar. Ela levanta dados a respeito de como se definem as áreas conceituais e organizadoras dos alunos, dos professores e da escola, para que seja possível solucionar as dificuldades específicas de aprendizagem e de ensino.

Portanto, a ação psicopedagógica institucional está voltada para a resolução de crises do ensino e da aprendizagem; das relações entre professores e alunos, entre alunos-alunos; das dinâmicas que caracterizam a sala de aula etc. Quando se refere ao, é importante levar em conta o fato de ela utilizar categorias adequadas ao caráter dos fenômenos das agrupações humanas como a comunicação, interação, identificação. Finalmente o psicopedagogo pode auxiliar o educador em planejar aulas diversificadas de acordo com a realidade encontrada, propiciar critérios avaliativos coerentes com a proposta da modalidade de ensino.

A Psicopedagogia pode atuar diretamente com o educando, auxiliando em suas dificuldades, trabalhando com suas expectativas e desejos de aprendizagem, algumas vezes podem estar distorcidos, influenciados pelas diferentes épocas em que o educando vivenciou suas situações de aprendizagem – se quando criança chegou a freqüentar escolas, ou até mesmo na vivência escolar de seus filhos, sua visão muitas vezes é a do ensino tradicional, o “quadro-cheio” e o professor como o detentor do saber – está na hora de se desfazer estes paradigmas e mostrar que existe uma forma prazerosa e feliz de se aprender conteúdos que se relacionem com suas vidas. Nestes aspectos a Psicopedagogia vem como aliada no processo educativo da Educação de Jovens e Adultos, auxiliando os educandos e educadores na suas caminhadas, rumo a dignidade, cidadania e autonomia, aspectos fundamentais para o desenvolvimento de um país coerente para todos.

CONCLUSÃO

Na atualidade pode-se verificar e analisar a importância da psicopedagogia nas organizações de aprendizagem em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os objetivos principais é compreender e caracterizar o que vem a ser a Psicopedagogia. Analisar através de estudos teóricos a capacidade de aprendizado do jovem e adulto, com autonomia intelectual e mental e verificar a dificuldade de aprendizagem encontrada no dia a dia.

A ação psicopedagógica no EJA é importante para que os processos de aprendizagem e de ensino sejam garantidos aos alunos, professores e funcionários que integram esse segmento de escolarização. Todos os integrantes da escola estão sujeitos da aprendizagem. A cada momento da sua vida realiza descobertas, aperfeiçoa, contesta verdades antigas, escolhe novos caminhos.

É necessário que a escola componha um corpo que busque aprimorar mais, deseje proporcionar métodos de crescimento, construção de novos conhecimentos e possibilidades de condução da própria vida para o seu aluno. A psicopedagogia define a sua ação como negociadora dos processos de ensinar e aprender. A escola precisa de um profissional que cuide e promova o bem-estar de todos. Principalmente do aprendente, auxiliando na sua auto-estima e a valorizar a capacidade de aprender com paciência e perseverança.

Em razão da complexidade que caracteriza a sociedade em que vivemos, a EJA apresenta demandas e realidades diversificadas que merecem aprofundamento, conhecimento e elaboração de planos de trabalho específicos para cada contexto com vistas à aprendizagem. Aí está a importância e valorização do psicopedagogo institucional, organizando movimentos conjuntos em favor do ensino, em territórios diversos, com a intenção de auxiliar a escola e o professor a melhorar o ser humano.

Nesta tentativa, aperfeiçoam-se todos: o próprio psicopedagogo, a escola, os professores, os funcionários, os alunos, em rede, modificam os seus

'lugares' e os seus interlocutores, semeiam novas aspirações na sociedade e, de certo modo, humildemente e sem alarde, transformam o mundo.

Pela análise realizada em cada categoria, conclui-se a necessidade dos psicopedagogos envolverem mais com a educação de jovens e adultos, com o intuito de aprimorar suas ações com relação a dificuldade de aprendizagem. De acordo com os estudos teóricos ficou evidente a participação constante do psicopedagogo na área de educação infantil, deixando de lado os adultos, embora poucos preocupam com as dificuldades que os mesmos enfrentam ao retornar a escola.

São diversos os fatores, que fazem muitos desistirem de continuar a estudos, como por exemplo, os culturais, a dificuldade de aprendizagem em si, docentes despreparados para ensinar o aprendente, o método utilizado, a auto-estima baixa. Outros retornam a escola devido à necessidade e a exigência do mercado de trabalho e a vergonha de não saber ler e escrever.

O trabalho psicopedagógico se torna mais completo se a família estiver integrada às relações do aprendiz com a psicopedagoga, mas no caso do aprendiz-adulto, se torna mais difícil. Existia um bloqueio na aprendizagem, embora exercia uma atividade muito importante no trabalho. O mesmo buscou formas de desenvolver e realizar seu "Desejo" de aprender. As palavras difíceis que o adulto utilizava pelo universo de seu trabalho, associando palavras do cotidiano, e esta associação se dá na teoria e prática.

Assim, pode-se visualizar o processo ideal de alfabetização letrada dentro de uma cadeia social de distribuição de conhecimento, onde muitos grupos mesmo vivendo em uma sociedade letrada, e possuindo, certo grau de letramento, são excluídos desse processo de produção de conhecimento e acabam colocados nos elos terminais dessa cadeia de distribuição.

Um diagnóstico bem aplicado e analisado pela psicopedagoga, pode trazer uma situação presente, desde o real, como trampolim para investigar o lugar do paciente designado problema de aprendizagem, como depositário da enfermidade de todo o grupo familiar, como signo de um conjunto de vínculos alterados, como porta-

voz ou intérprete dos não-ditos familiares, etc., quando se constata que o problema de aprendizagem ou o sintoma do educando, esteja na estrutura pessoal dele mesmo, então todo o grupo familiar pode defender-se da angústia.

Mas, à medida que o conflito está angustiando em relação ao conhecer e ao não-conhecer, ao secreto, ao escondido, ao roubo ou às diferentes significações que o aprender esteja apresentando dentro deste grupo, pode ser encoberto pelo sintoma. Um falso diagnóstico acarretará sérias dificuldades no aprendiz, cabe ao psicopedagogo indicar-lhe caminhos e não soluções prontas, definitivas.

É indispensável que a psicopedagogia analise os fatores inconscientes e abra espaço de liberdade humana, de pensar, de ser e de agir, constituindo assim, um dos principais aspectos para o libertar-se. Diante destes fatores anteriormente citados, pode-se concluir que, o objetivo da psicopedagogia é o estudo e a intervenção sobre as determinações inconscientes que permeiam o ensino-aprendizagem, abrindo espaço de liberdade e criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.** Disponível em: www.fadepe.com.br_psicopedagogia_acesso em: 20 Nov. 2008.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia & Leal Telma Ferraz (org.). **A Alfabetização de Jovens e Adultos.** Em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da Instituição Escolar.** Curitiba: Expoente, 2001.
- BOSSA, Nádia A. **A Psicopedagogia no Brasil:** Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BRASIL **Regulamentação.** Projeto de Lei nº 3.124-A/97, São Paulo, 30 set. 2001. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>> Acesso em: 20 Nov. 2008.
- COLL, C. & Cols. **Psicologia do Ensino.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- COSTA, Maria Salete. **A contribuição do uso do computador na aquisição da linguagem escrita por jovens e adultos em processo de alfabetização.** Disponível em: <<http://www2.anhembis.com.br>> acesso em: 07 jan. 2009.
- FERNANDEZ, Alícia. **A Inteligência Aprisionada.** Porto Alegre: Arlmed, 1991.
- FERREIRA, Renata Tereza Silva. **A importância da psicopedagogia.** Leme/Pirassununga, 03 maio 2008. Disponível em: <<http://psicolucia.blogspot.com>> Acesso em: 20 Nov. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Grupo de Trabalho de Educação de Jovens e Adultos do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (GT/EJA/CAPE/SMED) **EDUCAÇÃO CONTINUADA:** Refletindo sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos disponível em: <<http://centrorefeducacional.com.br>> acesso em: 02 Dez. 2008.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares:** as razões do improvável. São Paulo, Ática, 1997.
- LEON, Antonie **Psicopedagogia dos adultos.** São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- MORAES, Márcia Amaral. **Atuação psicopedagógica institucional na Eja: a prática da negociação nos processos de ensino e aprendizagem na escola.** Disponível em: <<http://www.fapa.com.br>> Acesso em: 13 fev. 2009.

- MÜLLER, Marina. **Aprender para ser**. Buenos Aires: Edição do autor, 1987.
- NEVES, M. A. **Psicopedagogia: Um só termo e muitas significações**: In: Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 10, n. 21, 1991.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem** - in Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez 1999 N° 12. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> acesso em 04 Dez. 2008.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- PALÁCIOS, Jesus. **O desenvolvimento após a adolescência**: Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a Educação de Adulto**. São Paulo: Cortez, 1987.
- PRESTES, Emilia Maria da Trindade. **Alfabetização, necessidades e inclusão social** Disponível em: <<http://br.monografias.com>> acesso em: 04 dez. 2008.
- RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Alfabetização de adultos na pauta das políticas educacionais**; Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997- vários autores. Disponível em: <<http://centrorefeducacional.com.br>> acesso em: 02 Dez. 2008
- SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença**; estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOARES, Magda B. **Alfabetização e letramento**: Caminhos e descaminhos. No Prelo: Revista Pátio, 19 Fev. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> acesso em 04 Dez. 2008.
- WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia clínica**: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.